

O QUE SE ABRIGA QUANDO ABRIGAMOS CRIANÇAS? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TRABALHO EM TEMPOS DE ENCHENTES

WHAT DO WE SHELTER WHEN WE SHELTER CHILDREN? AN EXPERIENCE REPORT ON WORKING DURING TIMES OF FLOODING

¿QUÉ SE ALBERGA CUANDO ALBERGAMOS A LOS NIÑOS? UN RELATO DE EXPERIENCIA SOBRE EL TRABAJO EN TIEMPOS DE INUNDACIONES

Pâmela Soares Bratkowski¹

Joanna Arcari Romero²

Luiza Gaudie Ley Brunelli³

Laura Anelise Faccio Wottrich⁴

Resumo: Por meio do artigo, pretende-se compartilhar recortes da experiência de acolhimento realizada por um grupo de psicólogas junto a crianças e adolescentes em um abrigo criado em Porto Alegre durante as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024. Ao reconhecerem-se os efeitos potencialmente traumáticos das vivências que crianças, adolescentes e adultos enfrentaram perante a catástrofe climática, articulou-se um espaço de livre brincar. A partir da necessidade de abertura de espaços de elaboração e de simbolização do vivido pela via do brincar, bem como da construção de narrativas lúdicas e ficcionais que permitissem dar contorno ao sofrimento e à dor, optou-se pela construção de uma sala específica para o livre brincar, organizada a partir das doações de brinquedos, jogos, livros e materiais gráficos. Em meio ao trabalho, o grupo se deparou com diferentes repercussões psíquicas frente aos acontecimentos, assim como com o que foi descortinado pelas enchentes: o descaso e a exclusão social da população abrigada. A partir dos relatos e das brincadeiras, adentrou-se o universo daqueles indivíduos a fim de acompanhá-los no processo de elaboração não só daquilo que estava sendo vivido naquele dado momento, mas também de um histórico de privação de direitos que precedia esse acontecimento. Assim, diante da situação potencialmente traumática e do desamparo, amplificados pelas perdas de referências materiais e simbólicas, buscou-se estabelecer espaços protegidos, onde crianças, adolescentes e seus familiares pudessem encontrar amparo, bem como reencontrar e construir recursos que lhes permitissem enfrentar e atravessar os inúmeros efeitos e desafios apresentados durante o período crítico das enchentes.

Palavras-chave: Enchentes. Trauma. Crianças e adolescentes. Brincar. Psicanálise.

¹ Psicóloga, psicanalista, presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (Gestão 2024/2025) e membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8170-5531>. E-mail: pamelasoaresb@gmail.com

² Psicóloga e psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8660-8265>. E-mail: jo.arcari.romero@gmail.com

³ Psicóloga e psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0720-1520>. E-mail: brunelliluiza@gmail.com

⁴ Psicóloga, psicanalista, especialista em Saúde Mental Coletiva e mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7706-6185>. E-mail: lau.wottrich@gmail.com

Abstract: This article aims to share excerpts from the experience of welcoming children and adolescents in a shelter created in Porto Alegre during the floods that devastated the state of Rio Grande do Sul in May 2024. Given the potentially traumatic effects of the experiences that children, adolescents, and adults faced in the face of the climate catastrophe, a space for free play was created. Based on the need to open spaces for elaboration and symbolization of the lived experience through playing, as well as the construction of playful and fictional narratives that would allow for outlining suffering and pain, it was decided to build a specific room for free play, organized from donations of toys, games, books, and graphic materials. During the work, the group came across different psychological repercussions of the events, as well as what was revealed by the floods: the neglect and social exclusion of the sheltered population. Based on the stories and games, we entered the universe of these individuals in order to accompany them in the process of elaborating not only what was being experienced at that given moment, but also a history of deprivation of rights that preceded that event. Thus, given the potentially traumatic situation and helplessness, amplified by the loss of material and symbolic references, we sought to establish protected spaces, where children, adolescents, and their families could find support, as well as rediscover and build resources that would allow them to face and overcome the numerous effects and challenges presented during the critical period of the floods.

Keywords: Floods. Trauma. Children and adolescents. Playing. Psychoanalysis.

Resumen: A través del artículo pretendemos compartir extractos de la experiencia de amparo realizada por un grupo de psicólogos con niños y adolescentes en un albergue creado en Porto Alegre durante las inundaciones que devastaron el estado de Rio Grande do Sul en mayo de 2024. Ante los efectos potencialmente traumáticos de las experiencias que niños, adolescentes y adultos enfrentaron ante la catástrofe climática, se creó un espacio para jugar libremente. A partir de la necesidad de abrir espacios para la elaboración y simbolización de lo vivido a través del juego, así como la construcción de narrativas lúdicas y ficticias que permitan dar soporte al sufrimiento y el dolor, se decidió construir una sala específica para el juego libre, organizado a partir de donaciones de juguetes, juegos, libros y material gráfico. Durante su trabajo, el grupo se enfrentó a diferentes repercusiones psíquicas de los hechos, así como a lo revelado por las inundaciones: el abandono y exclusión social de la población albergada. A partir de los cuentos y juegos, nos adentramos en el universo de esos individuos para acompañarlos en el proceso de elaboración no sólo de lo que se estaba viviendo en ese momento, sino también de una historia de privación de derechos que precedió a ese evento. Así, ante la situación potencialmente traumática y de desamparo, amplificado por la pérdida de referencias materiales y simbólicas, buscamos establecer espacios protegidos, donde los niños, los adolescentes y sus familias pudieran encontrar apoyo, así como redescubrir y construir recursos que les permitieran enfrentar y superar los numerosos efectos y desafíos presentados durante el período crítico de inundaciones.

Palabras clave: Inundaciones. Trauma. Niños y adolescentes. Jugar. Psicoanálisis.

“Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não
Porque na casa não tinha chão.

Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali.

Mas era feita com muito esmero
Na Rua dos Bobos, número zero.
Mas era feita com muito esmero
Na Rua dos Bobos, número zero.”
(A casa, de Vinicius de Moraes)

O poema *A casa*, de Vinicius de Moraes, serve aqui, na abertura do texto, como um disparador sutil, mas expressivo, de como a leve intenção na escolha das palavras, que alcança o universo infantil, pode também denunciar questões sociais de alta relevância. A vida está atravessada, cada vez mais, por inúmeras situações que revelam distintas nuances de sofrimento, mal-estar e sintomas. O sofrimento pode ser entendido como categoria social e o mal-estar, por sua vez, diz respeito à condição do sujeito no mundo.

Ainda que falemos, posteriormente, a respeito das crianças, a acusação de Vinicius, presente no poema, pode dar indícios do sofrimento e do mal-estar de uma camada populacional. Quem é o sujeito, quem é o cidadão que reside na “Rua dos Bobos número zero”? Estaria o cidadão que vive em um endereço sem número ou em uma rua sem denominação sofrendo algum tipo de déficit na sua cidadania? Qual a razão e quais os possíveis efeitos de uma provável não formalização daquele endereço pelo poder público municipal? Já não são conhecidos desde Machado de Assis, em “O Alienista”, os perigos do exagero, onde o julgamento muda, isola ou classifica pessoas em um determinado grupo numa tentativa de exclusão do outro que é diferente? Ou mesmo desde Freud, com o conceito de alteridade, que demanda o reconhecimento e o trabalho com a diferença?

29 de abril de 2024, Rio Grande do Sul, Brasil. Numa sequência de temporais, a água transbordou e invadiu municípios, arrasando cidades e destruindo vidas. Inundou lugares públicos e tirou famílias de suas casas, chegando até onde nunca havia chegado. As inundações impactaram drasticamente as populações afetadas e os efeitos serão acompanhados ao longo dos próximos anos. Ainda que se reconheça o impacto geral do ocorrido, há de ser caracterizada a dimensão singular e subjetiva provocada por eventos dessa magnitude.

Diante disso, como podemos pensar a construção de espaços de cuidado ao sujeito que vivencia situações extremas e com potencial traumático? Seria o testemunho uma possibilidade de criação de uma narrativa que produza costuras simbólicas àquilo que foi experienciado?

A fim de discorrer sobre as questões levantadas acima, serão apresentados recortes da experiência de acolhimento em um abrigo criado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). As autoras deste artigo fizeram parte de um grupo de trabalho destinado à abertura de um espaço de elaboração e simbolização do vivido para as crianças e adolescentes abrigados.

FEITA COM MUITO ESMERO

Diante do desalojamento de muitas famílias de suas casas, inúmeros abrigos foram montados em diferentes pontos da cidade de Porto Alegre, assim como em outros municípios.

Dentro desses, distintas organizações ocorreram a partir do investimento e da mobilização de diversos profissionais, da comunidade e de órgãos públicos. Foram criados espaços de alimentação, atenção à saúde, higiene, acomodação, bem como outros espaços coletivos.

A experiência contada neste relato se passou no ginásio da ESEFID e teve início com a transformação deste em um espaço de acolhimento que chegou a receber 650 pessoas desabrigadas nas primeiras semanas das enchentes. A montagem e a organização dessa estrutura ocorreram de forma bastante rápida, respondendo ao tempo da urgência instaurado pelo desastre e pela tragédia climática e social. Ainda no dia 4 de maio, segundo dia de enchentes em Porto Alegre, diferentes setores da universidade foram mobilizados a fim de iniciar a construção dos fluxos necessários ao processo de acolhimento, contando ainda com um enorme contingente de voluntários, que também somaram esforços desde o primeiro dia.

Foi nesse contexto que um grupo de docentes, trabalhadores voluntários e estudantes, sob coordenação da direção do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH/UFRGS), organizou-se para realizar o acompanhamento psicossocial das crianças, adolescentes e adultos abrigados. Inicialmente, fez-se uma aproximação e um levantamento dos dados e das necessidades principais de todas as famílias abrigadas, identificando-se, assim, também as especificidades das crianças e dos adolescentes acolhidos. Esse movimento inicial foi realizado a partir da adaptação de uma ficha de triagem utilizada pela Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul nas enchentes do Vale do Taquari no ano de 2023, a qual seguiu sendo usada sempre que uma nova família ou grupo ingressava no abrigo.

A partir desses primeiros contatos e do reconhecimento das diversas demandas presentes entre as famílias abrigadas, estabeleceram-se quatro linhas de trabalho, coordenadas por grupos de trabalho específicos vinculados ao IPSSCH/UFRGS. Os grupos de trabalho foram nomeados: GT Infância e Adolescência, GT Saúde Mental, GT Mobilização e Articulação e GT de Dados e Informação. O presente trabalho se refere, então, à experiência do grupo responsável pela atenção às infâncias e adolescências no contexto do abrigo, que se desenvolveu durante todo o período de funcionamento deste, do dia 4 de maio ao dia 28 de junho de 2024.

Atentos aos efeitos potencialmente traumáticos das vivências que crianças, adolescentes e adultos enfrentaram diante das tragédias e catástrofes que assolaram os mais diversos territórios do estado, o grupo de trabalho da infância e adolescência articulou-se ao espaço de livre brincar organizado junto a colegas dos cursos de Dança, Enfermagem, Educação Física, Música e Pedagogia da UFRGS. Ao reconhecer a necessidade de abertura de espaços de elaboração e de simbolização do vivido pela via do brincar, bem como da construção de narrativas lúdicas e ficcionais que permitissem dar contorno ao sofrimento e à dor, optou-se pela construção conjunta de uma sala específica para o acolhimento de crianças e adolescentes, organizada a partir das doações de brinquedos, jogos, livros e materiais gráficos e escolares.

A sala do brincar, como ficou conhecida, localizava-se no segundo piso de um dos pavilhões da universidade e foi dividida entre uma área específica para bebês de zero a dois anos, e outra na qual permaneciam as crianças e adolescentes a partir de três anos. No lado das crianças maiores, a organização do espaço visava ao convite ao livre brincar, ao mesmo tempo que acolhia diferentes formas de expressão e de construções lúdicas. Havia, assim, uma grande mesa disposta com materiais de desenho, recortes e colagens; outro espaço com livros infantis; outro com caixas com fantasias e adereços; espaços com brinquedos diversos; e jogos para diferentes faixas etárias. A proposta era de que as crianças pudessem circular livremente e escolher com o que brincar naquele momento, estando sempre acompanhadas pelos profissionais e estudantes das áreas acima mencionadas, que iam mediando e produzindo intervenções nas brincadeiras conforme as necessidades.

O grupo de voluntários (composto interdisciplinarmente por profissionais, docentes e estudantes das diferentes áreas) aguardava as crianças na sala em dois horários diferentes, no

turno da manhã e à tarde. As crianças eram recebidas, identificadas e convidadas a brincar naquele espaço. Durante o período de abrigo, diferentes propostas e arranjos foram realizados. Em alguns momentos, foram levadas atividades dirigidas, como leitura e música, mas o principal objetivo deste espaço era que as crianças pudessem, elas mesmas, escolher os jogos, brinquedos e brincadeiras a serem inventados.

Aos poucos, as crianças foram se apropriando daquele novo e desconhecido local. Percebemos, com o passar do tempo, que, ao chegarem à sala, já buscavam com o olhar objetos e atividades com as quais estavam a fim de brincar, constituindo o local como um espaço familiar. Apesar das pequenas mudanças a cada turno, devido a alguns brinquedos danificados que precisavam ser retirados, a equipe tentava organizar o espaço de forma que as crianças pudessem ter uma vivência de continuidade e de pertencimento, com o intuito de produzir alguma continência ante o desamparo produzido pela saída forçada e apressada de suas moradas.

Antes mesmo do horário de abertura da sala, era possível ver o entusiasmo e a animação das crianças ao aguardarem do lado de fora, em uma fila. Muitas eram trazidas pelos familiares, conforme proposto pela equipe, enquanto outras compareciam em grupos. Em cada um dos turnos, chegaram a circular mais de cinquenta crianças na sala, o que demandava uma grande equipe e uma articulação afinada entre os pares.

Os profissionais, docentes e estudantes voluntários ficavam à disposição na sala e eram convidados pelas próprias crianças a se juntarem às brincadeiras. Algumas, posteriormente, reuniam-se aos voluntários e às outras crianças que já estavam em atividades – jogando, desenhando, lendo histórias ou construindo cenas lúdicas com os brinquedos disponíveis. Outras vezes, notamos que algumas crianças já chegavam à sala procurando algum voluntário com quem já haviam brincado em outras ocasiões, indicando o estabelecimento de vínculos e da busca pela experiência de continuidade.

Ao longo do tempo, percebemos que as crianças chamavam os adultos de “sor” ou “sora”. Entendemos que esse movimento pode ter ocorrido devido ao fato de muitas das crianças já estarem em idade escolar e buscarem, talvez, identificar algo familiar naqueles que ali estavam acompanhando-as.

Como os voluntários das equipes trabalhavam no abrigo conforme uma escala, e não em tempo integral, algumas combinações precisavam ser feitas para poder dar continuidade às brincadeiras, ou mesmo para contornar situações nas quais algumas crianças se desorganizavam – o que ocorria principalmente nos encerramentos dos turnos. Uma das estratégias utilizadas foi permitir que as crianças fizessem um envelope com seu nome para guardar um brinquedo favorito, de forma a tentarmos assegurar que aquele brinquedo, e também o espaço, estariam preservados até o momento de seu retorno. A confecção de envelopes, caixas e outras formas de invólucros e superfícies continentais, bem como as brincadeiras com barracas, mantas e almofadas, foi uma constante que se manteve ao longo de todo o período da abrigagem, e nos permite pensar no trabalho psíquico que estava em jogo ali, no sentido da necessária construção de bordas e de espaços seguros e acolhedores que pudessem suportá-las em seus processos de elaboração da experiência vivida.

Vimos constituir-se, assim, uma perspectiva de trabalho em grupo e no coletivo que visava dar lugar, também, às singularidades e demandas específicas de cada criança, considerando os diferentes arranjos e modos de travessia dos desafios impostos a elas naquele momento.

NÃO TINHA TETO, NÃO TINHA NADA

Em meio à nossa experiência no grupo de trabalho com crianças, deparamo-nos com aquilo que foi descortinado pelas enchentes: o descaso e a exclusão social. A cada relato ou

brincadeira, pudemos conhecer um pouco de seus universos e acompanhá-las no processo de elaboração não só daquilo que estava sendo vivido naquele momento, mas de um histórico de privação de direitos que precedia aquele acontecimento.

Essas situações puderam ser testemunhadas em várias brincadeiras e atividades. Os mundos eram incertos, sofriam muitas explosões e tinha-se pouca confiança no que iria acontecer no futuro. Uma das crianças que nos apresentou as vicissitudes desse mundo não só imaginário, mas real, foi Marina⁵. Seu mundo já tinha muitas rupturas, apesar de ter apenas dez anos, e precisava de muitos remendos, como ela nos mostrou nas poucas vezes em que compareceu à sala do brincar.

Marina era uma menina esperta, mas se mostrava sempre brava e arredia com as demais crianças e voluntários. Ela constantemente reclamava, empurrava ou batia nas outras crianças. Quando alguém lhe chamava a atenção nessas ocasiões, virava os olhos para cima e dizia: “Ai, sora, que saco”.

Em uma dessas vezes, disse a uma das voluntárias que queria usar o durex que tinha em mãos e não dividir com a outra menina que também queria o item. A profissional, então, perguntou o que ela fazia com aquele durex, e ela disse que iria colar coisas, sem especificar de quais se tratava. Foi proposto a ela, então, que encontrassem um ou até mais durex coloridos, bem como algo que ela quisesse colar.

Ao escutar a proposta, Marina mudou sua expressão e demonstrou entusiasmo, saiu correndo pela sala em busca de algo. Ao voltar, trouxe uma caixa de papelão e disse que queria arrumá-la. O trabalho foi intenso. Cada pedacinho da caixa tinha que ser forrado com as diferentes cores de durex. Nas partes em que havia algum furo ou rasgo, a fita era passada ainda mais vezes. Aos poucos, além das colagens, a partir da proposta da psicóloga, Marina passou a enfeitar a caixa, fazendo flores e corações, e incluiu as iniciais dela, da profissional e de um menino que passava algumas vezes pelo local e perguntava como estava a reforma da caixa. Ao final daquele turno, tínhamos uma linda caixa que pôde abrigar alguns brinquedos da sala.

Passados alguns dias, Marina retornou à sala e, ao ver a mesma voluntária, perguntou: “Tu é a sora da caixa?”. Ao receber a afirmação, saiu correndo atrás de durex e de outra caixa para consertar, além da anterior, para mostrar como essa última estava. Naquele dia, não havia mais fitas coloridas, mas, além da sua própria caixa, Marina também consertou uma que sua irmã estava utilizando como berço para uma boneca.

Enquanto brincava de enfeitar a caixa com a psicóloga e com uma professora de dança, que faziam alguns recortes para a decoração, Marina seguia reclamando quando as coisas não saíam como ela havia imaginado. Nessas ocasiões, ela dizia: “Ai, sora”, “Ai, não é assim”. Em meio a isso, outra criança, que estava brincando com um voluntário próximo a elas, deu alguns passos para trás e esbarrou no material de Marina. Ela, muito brava, tentou dar um tapa na outra menina e disse: “Sai para lá, isso é nosso!”. A psicóloga, ao ver a situação, comentou: “Acho que foi sem querer, ela não nos viu”, ao que Marina respondeu: “Sem querer! É sempre sem querer, sora. Ai [faz som de raiva]. Nunca ninguém vê nada, né”.

Naquele dia, além de refletirmos sobre o manejo na sala do brincar, com frequentes situações de desentendimentos, em que tínhamos de agir rapidamente para evitar um conflito ainda maior, também ficamos ecoando as palavras de Marina: “É sempre sem querer... Nunca ninguém vê nada”. A dimensão da frase de Marina extrapola a situação com a outra menina, também uma criança, que realmente não viu o material atrás dela. Marina pareceu demonstrar uma indignação por ser sempre forçada a entender que é “sem querer”, como uma resistência a não se conformar com aquilo que já está presente na sociedade, e que foi

⁵ Destacamos que, com o objetivo de preservar o sigilo, os nomes mencionados neste artigo são fictícios.

escancarado e reatualizado pelas enchentes: a exclusão e o abandono social⁶. Tal indignação não deve ser só dela, mas Marina denuncia em nome de tantas outras crianças. Essas, sem serem olhadas e protegidas de tantas inundações, precisam estar sempre alertas, reativas e na defensiva, por não poderem contar com os recursos e condições necessárias para brincar livremente, sem precisar se ocupar ou se defender do entorno. Entorno este que pode invadir, invalidar, desamparar ou destruir.

Zornig (2022) refere que o trabalho com crianças cujos contextos são de carência de serviços básicos, abandono social e poder do tráfico suscita questionamentos sobre os impactos e os sintomas que podem se apresentar. Segundo a autora, tais situações dificultam que as crianças confiem no laço social e projetem o futuro, além de fazer com que apresentem dificuldades na linguagem, cognição e afetos. Dessa forma, o trabalho vai no sentido de proporcionar a recuperação das “condições psíquicas que permitam a apropriação subjetiva ante o efeito disruptivo da violência do outro” (p. 231).

Marina, assim como outras crianças com as quais nos deparamos, faziam do brincar o que Zornig (2022) pontua ser uma imitação da realidade traumática, mais do que uma construção simbólica ou até mesmo uma descarga. Por essa razão, assim como sinaliza a mesma autora, trabalhávamos na sala do brincar de forma a testemunhar o que fora vivenciado por essas crianças, tomando o cuidado para que elas não se sentissem questionadas ou invadidas. Dar testemunho da própria vivência, ter a oportunidade de endereçar o sofrimento a alguém – no presente caso, aos membros do nosso grupo de trabalho – é uma forma de tentar elaborar o potencial traumático do que foi experienciado (GONDAR; ANTONELLO, 2016).

Além de Marina, inúmeras outras crianças manifestaram diferentes formas de agressividade frente às situações vividas. Breno foi um menino que muito nos demandou durante todos os turnos. Frequentemente, ele entrava na sala sem se reportar aos profissionais que recebiam as crianças, jogava-se nos tatames ou dirigia-se rapidamente à caixa de brinquedos. Ao pegar um brinquedo, na maioria das vezes, arremessava-o em direção a outra criança, sem que essa tivesse sequer olhado para ele. As situações se agravavam quando a outra criança o xingava ou queria agredi-lo, fazendo com que a equipe tivesse que contê-lo até conseguir manejar a situação.

Em determinado dia, Breno e outro menino, que chamaremos de Rui, entraram na sala correndo, quase derrubando todos que estavam em seus caminhos. Os dois foram até a caixa de fantasias e começaram uma disputa pelo “Homem de Ferro”. Em meio ao conflito, mordidas, socos e palavrões partiam de cada um dos meninos. Foi preciso um longo tempo para que ambos se acalmassem a partir do combinado feito pela equipe de que cada um usasse a fantasia durante a metade do turno.

A nossa aposta, nessas situações, era de nos emprestarmos enquanto um objeto que os protegia para não se machucarem, mas também capaz de suportar a agressividade, a qual é fundamental e arcaica a cada criança e pode se exacerbar nestes contextos. Ao mesmo tempo, como aponta Zornig (2022), apresentamo-nos como um objeto que “resiste à tentação de vitimizar a criança, reconhecendo seu sofrimento e sua dor, mas mantendo a aposta de implicá-la como sujeito de sua história” (p. 243).

Nesse sentido, a direção do trabalho implica legitimar e validar a dor e o sofrimento experienciados pelas crianças, construindo, junto com elas, espaços e superfícies onde possam expressar o vivido, mas também elaborá-lo, de modo a acessar e construir recursos próprios e singulares que lhes permitam fazer a travessia da experiência potencialmente traumática.

⁶ Conforme dados publicados pelo Observatório das Metrópoles, as regiões mais afetadas pela enchente foram aquelas que concentram principalmente as populações de baixa renda. O recorte racial dos atingidos também indicou que as áreas que mais sofreram com as enchentes apresentaram uma concentração expressiva de população negra (GOMES, 2024).

As intervenções propostas não tinham como objetivo o interpretar, mas sim, pensando com Ferenczi (1992), o “sentir com” e, a partir disso, poder acolher e dar contorno às expressões de frustração, raiva, tristeza, dentre outras que possam emergir nesses momentos. Isso possibilita que elas assumam uma posição ativa frente ao ocorrido, e que, num segundo tempo, tal como nos mostra Marina, possam elaborar formas de reparação e de reconstrução de seus objetos atingidos.

UMA CASA MUITO ENGRAÇADA

Ao seu modo, cada criança teve a oportunidade de, pouco a pouco, tentar elaborar e dar um sentido àquela vivência que inundou cidades, lares e psiquismos, sem aviso prévio. Ao passo que alguns pequenos visivelmente enfrentaram mais dificuldades nessa tarefa, conforme relatos supracitados, outros apresentavam sinais de que nem toda marca referente às enchentes seria necessariamente traumática.

Em um dado final de semana, uma das psicólogas da nossa equipe estava acompanhando as crianças em uma oficina sobre tatu-bolas, mediada por um grupo de estudantes de biologia. As crianças puderam conhecer os insetos, pegá-los na mão e muitas delas criaram casinhas para os tatuzinhos. Em meio a tudo isso, Iago, um menino de aproximadamente seis ou sete anos, chama a profissional e pede que ela veja o seu desenho.

A psicóloga repara que o menino havia criado uma história em quadrinhos sobre um tatu-bola. Ela pede que Iago conte a história do personagem inventado por ele. Ele inicia: “Neste primeiro aqui, o tatu tá no mundo dos sonhos. Ele teve que deixar o mundo original dele, e vai precisar passar por vários mundos até retornar para o dele”. E continua: “Lá no mundo original, ele passava muito tempo sozinho, não tinha muitos amigos. E aconteceu uma explosão lá, mas o tatu conseguiu fugir. Ele se salvou. E agora ele vai passar por vários outros mundos”, diz enquanto aponta para os diferentes quadrinhos com mundos coloridos. “Nesses outros mundos que o tatu está passando, ele fez vários amiguinhos. E agora ele tá até mais feliz do que ele era no mundo original dele, sabia? Esse mundo aqui é o mundo quase original”, e mostra o penúltimo quadrinho. “O próximo já vai ser o tatu no seu mundo original”. E então finaliza sua narrativa com o tatu-bola voltando para seu mundo de origem, acompanhado de vários outros tatuzinhos.

Pode-se pensar que a produção de Iago representa a maneira como ele próprio simbolizou sua experiência desde o dia em que as águas invadiram a sua casa. No momento em que sua história em quadrinhos foi escutada pela psicóloga, muitas famílias já estavam deixando o abrigo. Algumas conseguiram retornar a seus lares, enquanto outras foram remanejadas para abrigos de longa permanência. Um tempo significativo já havia se passado desde que os desabrigados chegaram ao campus. A psicóloga que testemunhou o trabalho simbólico de Iago o viu apenas naquele dia, portanto não há informações de como o menino vivenciou todos os dias anteriores. É possível imaginar que houve períodos de maior ou menor desorganização psíquica e que, com o passar do tempo, o garoto foi construindo laços sociais significativos com outras crianças e mesmo com adultos de referência, como os profissionais, estagiários e voluntários do abrigo. Pode-se inferir que ele se sentiu amparado e acolhido por esses. A partir disso, teve a oportunidade de elaborar e construir um sentido para o infortúnio com o qual ele e sua família se depararam.

Espera-se que tanto nele quanto em outras crianças possa ter ficado um outro registro que não o do traumático. Ou que, ao menos, para além do traumático, também tenham sido inscritas marcas de cuidado. Desejamos que mundos coloridos possam fazer parte dos registros desses tempos, tanto para os pequenos quanto para nós, trabalhadores voluntários das enchentes de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trabalho desenvolvida no abrigo da ESEFID, durante o período das enchentes de 2024, possibilitou que acompanhássemos os caminhos e construções singulares de crianças e adolescentes, e também do coletivo, na travessia de um momento de perdas e de deslocamentos significativos. A criação de um espaço de acolhimento às infâncias e adolescências visou dar lugar aos diferentes modos de expressão da dor e do sofrimento, permitindo que um trabalho de luto e de reconstruções pudesse, ali, encontrar abrigo.

Diante do possível trauma e do desamparo, amplificados pelas perdas de referências materiais e simbólicas, buscamos estabelecer espaços protegidos onde pudessem encontrar amparo, bem como reencontrar e construir recursos que lhes permitissem lidar com os inúmeros desafios enfrentados naquele momento. O trabalho interdisciplinar e em rede apresentou-se como recurso primordial na construção do cuidado e do acolhimento necessários a todos que se viram tolhidos e destituídos de seus direitos e de suas referências mais básicas e fundamentais.

Com Freud (2020), aprendemos que, ao brincar, a criança tem a possibilidade de elaborar ativamente aquilo que viveu passivamente, construindo recursos e ampliando seu repertório de respostas e de saídas perante os desafios encontrados. A sustentação de tempos e espaços de livre brincar, durante o período da abrigagem, apostou, assim, na potência lúdica e criativa própria da infância, o que possibilita a construção de saídas e de outros destinos frente a ocorrências potencialmente traumáticas – desde que se encontre o reconhecimento e o amparo necessários a esse processo.

Assim como o brincar, a oportunidade de contar e de lembrar das experiências pode contornar, em certa medida, a dor da perda material e inaugurar o relato da perda como parte da história do sujeito. Há uma aposta e o reconhecimento, nesta análise, da necessidade de que se estabeleça um novo pacto de vivência social. Trata-se de tornar possível que a “Rua dos Bobos” faça parte, de fato, do território investido das cidades, a fim de que as vivências e as demandas de sua população não sigam invisíveis e invisibilizadas perante a sociedade. Espera-se, assim, que crianças, adolescentes e suas famílias não precisem se conformar com seus territórios, concretos ou simbólicos, sendo frequentemente invadidos pelas águas do descaso social; e que possam ser reconhecidos como sujeitos e cidadãos – sujeitos do desejo e de direitos.

REFERÊNCIAS

- FERENCZI, S. A elasticidade da técnica psicanalítica. In: FERENCZI, S. *Obras completas de Sándor Ferenczi: Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. IV. (Trabalho original publicado em 1928).
- FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 57-205. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- GOMES, Luís. Bairros atingidos pelas enchentes têm concentração expressiva de população negra. *Sul 21*, Porto Alegre, 17 maio 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/05/bairros-atingidos-pelas-enchentes-tem-concentracao-expressiva-de-populacao-negra/>. Acesso em: 15 out. 2024.
- GONDAR, J.; ANTONELLO, D. F. O analista como testemunha. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 16-23, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>. Acesso em: 15 out. 2024.
- ZORNIG, S. A.-J. Quando o brincar perde sua função de transicionalidade: reflexões acerca do impacto da violência na constituição psíquica. In: CARDOSO, M. R.; MACEDO, M. K.; ZORNIG, S. A.-Z. (Orgs.). *Figuras do extremo*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 229-249.